

# AS INVASÕES RUSSAS NA GEÓRGIA (2008) E NA CRIMÉIA (2014)

Marcelli Kulike<sup>1</sup>

## A INVASÃO NA GEÓRGIA

A Abcássia e a Ossétia do Sul obtiveram autonomia em 1921, mas continuaram sendo parte integrante da República Socialista Soviética da Geórgia (RSSG)<sup>2</sup>, apesar de alegarem que possuíam identidades diferentes das dos russos e georgianos. Na Abcássia, ocorreram várias manifestações entre as décadas de 1950 e 1970 e os governos soviético e da Geórgia realizaram diversas ações a fim de suprimir o nacionalismo da região. Em 1989, os confrontos se tornaram mais problemáticos<sup>3</sup> e se intensificaram com o colapso soviético em 1991, com a Abcássia se declarando independente da Geórgia em 1992.

A declaração unilateral gerou um conflito entre abcássios e as forças armadas da Geórgia (já independente), no qual os russos auxiliaram indiretamente os rebeldes. A Geórgia foi derrotada e o conflito causou um êxodo em massa e uma limpeza étnica dos georgianos.



Mapa da Geórgia e seus vizinhos

Posteriormente, um acordo foi assinado, aumentando a autonomia da Abcássia e estabelecendo uma missão de observação da Organização das Nações Unidas (ONU) na região. Mas uma autonomia limitada não era suficiente para os abcassos, que passaram a rejeitar qualquer tentativa da Geórgia de recuperar o controle do território. Mesmo com um cessar-fogo em 1994 e operações de manutenção de paz da ONU e da Comunidade de Estados Independentes (CEI), a região permaneceu dividida e

novos conflitos ocorreram durante a década de 1990.<sup>4</sup>

A Ossétia do Sul possui um conflito étnico-político com a Geórgia desde a Revolução Russa. Em 1921 a Ossétia foi anexada à URSS, conseguindo uma ampla autonomia em relação à Geórgia, devido ao apoio prestado durante a Revolução. Na década de 1980 a Geórgia reivindicou sua independência da URSS, fazendo com que a Ossétia do Sul também almejasse uma maior autonomia e a

anexação com a Ossétia do Norte. Contudo, tropas georgianas invadiram a Ossétia do Sul desafiando a decisão unilateral de emancipação.<sup>5</sup>

Após represálias do governo da Geórgia, a Ossétia se autodeclarou independente, fundando a República Democrata Soviética da Ossétia do Sul, que não foi reconhecida. Novo conflito armado ocorreu em 1991, devido a manifestações, boicote de eleições e bloqueio econômico imposto à região, no qual a Ossétia teve apoio russo e da vizinha Ossétia do Norte. O conflito só terminou em meados de 1992 com a assinatura do Tratado de Sochi entre a Geórgia e a Rússia, pelo qual foram desdobradas tropas de manutenção de paz. Apesar da Rússia reconhecer as fronteiras da Geórgia, defendia uma maior autonomia para a Ossétia.<sup>6</sup>

Em 2004, o presidente eleito da Georgia, Mikheil Saakashvili, afirmou como suas principais políticas: a retomada do controle daquelas regiões, tornar o país membro da OTAN e se aproximar do Ocidente tanto no ponto de vista econômico como ideológico.<sup>7</sup> Essas políticas foram de encontro aos interesses russos de retomar a antiga zona de influência da União Soviética.

Em 2006, a Ossétia do Sul realizou um referendo em 2006 e 99% dos eleitores foram favoráveis à separação da Geórgia. Contudo, o mesmo não foi reconhecido internacionalmente por conta da falta de eleitores da etnia georgiana e da falta de reconhecimento do governo central.<sup>8</sup> Paralelamente também foi realizada uma eleição quando foi eleito um administra-

dor provisório para a Ossétia, o qual rejeitou a proposta de maior autonomia para a região oferecida pelo presidente da Geórgia.

Acreditando que teria apoio dos países ocidentais, Saakashvili decidiu atacar a Ossétia do Sul em 2008. Os russos intervieram alegando proteção dos cidadãos russos que viviam naquela província e firmaram a posição de que a mesma deveria ter reconhecida a independência. A intervenção russa na Geórgia foi realizada mesmo com a desaprovação do Conselho de Segurança da ONU. Já a comunidade internacional não se envolveu na questão como esperava o governo da Geórgia, talvez devido ao fato da Rússia ser uma potência militar. A única ação dos países ocidentais foi por meio da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), que ajudou a proteger o território georgiano.<sup>9</sup>

O conflito ficou conhecido como Guerra dos Cinco Dias. A Geórgia foi derrotada e as regiões da Abcássia e da Ossétia do Sul se tornaram independentes de *facto*.<sup>10</sup>

A Guerra matou centenas de pessoas, deixou milhares de refugiados e representou um retorno da OTAN à sua postura oficial de defensora dos interesses ocidentais.<sup>11</sup>

Em 2012, o primeiro-ministro eleito Bidzina Ivanishvili, apresentou o objetivo de reestabelecer relações da Geórgia com a Rússia a fim de preservar seus interesses no Cáucaso e retomar o controle da parte do território perdida em 2008, mas sem deixar de se aproximar dos países ocidentais e da OTAN.<sup>12</sup>

## A INVASÃO NA CRIMÉIA

Na Criméia a crise teve início em novembro de 2013, quando o presidente ucraniano, Viktor Yanukovich, anunciou que não assinaria um acordo de livre comércio com a União Europeia, preferindo favorecer as relações com a Rússia. O pronunciamento fez com que milhares de ucranianos iniciassem um protesto seguido de uma repressão violenta com algumas mortes e centenas de fe-



Soldados no parlamento de Simferopol na Criméia

Sebastian Meyer/Voice of America

ridos. Yanukovych assinou um acordo com a Rússia que reduzia as barreiras comerciais e garantia um investimento russo de 15 bilhões de dólares no seu país.

Os protestos continuaram e no início de 2014 as negociações entre o governo e a oposição, que representava os manifestantes, não resultou em um acordo. Os manifestantes chegaram a invadir sedes do governo na parte Oeste do país. Nesse contexto, o Presidente foi afastado, deixou o país e eleições foram convocadas para o mês de maio.

Enquanto isso a Criméia, uma república autônoma da Ucrânia com maioria da população russa, teve seu parlamento tomado por um comando pró-Rússia que nomeou um novo premiê. Este proclamou a independência da Criméia, não reconhecida pela Ucrânia.

A Criméia é uma península que se tornou parte da Rússia no século XVIII. Em 1954, o Presidente soviético Nikita Krushev transferiu a Criméia para a Ucrânia num ato de amizade. Com o final da Guerra Fria a Criméia conseguiu uma autonomia dentro do Estado ucraniano e, desde então, as tensões separatistas perduraram, sendo atenuadas pela Ucrânia com a ajuda russa por meio de acordos. A Rússia manteve fortes interesses na região pois a Criméia se localiza às margens do Mar Negro, sendo o único porto de águas quentes onde a Rússia manteve a importante base naval de Sebastopol.

Após declarar sua independência, a Criméia manifestou o interesse em se tornar parte da Rússia, que enviou tropas para aquele ter-

ritório com o objetivo declarado de acalmar as tensões com a Ucrânia. Os países ocidentais, principalmente os Estados Unidos, liberaram pacotes de ajuda financeira à Ucrânia e impuseram sanções à Rússia, exigindo a retirada de suas tropas do local.

Um referendo popular em março na Criméia, sob suspeitas de manipulação e mesmo com a oposição da ONU, aprovou a separação e a anexação à Rússia. Mesmo com a pressão contrária dos Estados Unidos e da União Europeia, o governo russo anexou a Criméia. A Ucrânia deixou a Comunidade de Estados Independentes (CEI) e os Estados Unidos e União Europeia aumentaram as sanções contra a Rússia.

Em maio do mesmo ano foram realizadas eleições presidenciais na Ucrânia e Petro Poroshenko foi eleito, deixando claro que a Ucrânia não abriria mão da Criméia e que buscava estreitar laços com a União Europeia. A OTAN enviou navios, aviões e soldados alegando a finalidades de defesa e declarando não pretender interferir militarmente no conflito com a Rússia. Depois das eleições, houve problemas em relação ao fornecimento de gás russo para a Ucrânia e discussões sobre o avanço das tropas russas próximas às fronteiras, mas foi mantido o diálogo, principalmente em relação às medidas que a Ucrânia deveria tomar em relação aos rebeldes separatistas nas regiões no leste do país que também buscam sua independência.



Mapa da Ucrânia

## AS POLÍTICAS INTERVENCIONISTAS RUSSAS

Tanto a Geórgia como a Ucrânia pertenceram à URSS no século XX e possuíam regiões autônomas onde as alegadas diferenças de identidades em relação às repúblicas que pertenciam, alimentavam movimentos nacionalistas, como a Abcássia, a Ossétia do Sul e a Criméia. Geórgia e Ucrânia se tornaram independente com o fim da URSS e nunca foram favoráveis à independência dessas regiões. Ambas apostaram no auxílio ocidental, o qual não conseguiu evitar que ambas perdessem o controle soberano sobre as mesmas. Apesar de ambas as intervenções terem tido a desaprovação da ONU, o tímido auxílio militar da OTAN não foi suficiente. A Rússia é uma potência na região e além da influência direta que exerce sobre as antigas repúblicas soviéticas, muitos países ocidentais têm com ela laços econômicos importantes e uma dependência principalmente no âmbito energético.

O Primeiro-Ministro georgiano Bidzina Ivanishvili e o Presidente ucraniano Petro Poroshenko foram eleitos imediatamente após

as intervenções e adotaram políticas visando retomar as regiões, estreitar relações com os países ocidentais e com organizações como a União Europeia e a OTAN, ao mesmo tempo em que não romperam o diálogo com a Rússia. Nos dois casos a ação russa pode ser entendida como o uso do poder militar para garantir sua influência sobre áreas consideradas estratégicas e ao mesmo tempo diminuir a influência ocidental sobre elas.

A intenção da Rússia em relação à Geórgia foi a de impedir que a mesma entrasse na OTAN, enviando um aviso aos demais vizinhos sobre as consequências de tentativas nesse sentido. No caso da Criméia, os russos também procuraram interferir na aproximação da Ucrânia com a UE. Com a Abcássia e Ossétia do Sul independentes, a Rússia poderia manter suas tropas de modo permanente naqueles territórios.<sup>13</sup>

A Abcássia, mesmo apresentando certa autonomia política, acabou se tornando um protetorado russo.<sup>14</sup> O controle sobre a Criméia permite a manutenção das bases russas no Mediterrâneo, como a Tartus na Síria. No campo energético, mantendo o controle das regiões separatistas da Geórgia, os russos mantêm o monopólio do fornecimento de energia no mar Cáspio<sup>15</sup> e com a incorporação da Criméia mantêm o acesso às importantes fontes de gás natural e petróleo existentes naquele território.

Com o reconhecimento da independência das regiões da Geórgia, houve uma perda diplomática, econômica e política para a Rússia. A política intervencio-



Jonathan Alpert/CC

Sniper na Ossétia do Sul

nista deixou-a menos digna de confiança no sistema internacional.<sup>16</sup> As sanções impostas pelo Ocidente seria uma tendência de isolar o país.

Ao se contrapor aos interesses russos, a Geórgia se mostrou um importante parceiro dos norte-americanos e forneceu-lhes bases militares e soldados para a guerra no Oriente Médio. Os Estados Unidos, nas duas invasões, acusaram a Rússia de usar a força para retomar a esfera de influência da antiga URSS. Mas, na prática, a Rússia atingiu seus objetivos.

O Primeiro-Ministro da Geórgia, Ivanishvili, deixou claro suas intenções de reconquistar a Ossétia do Sul e a Abcássia e de se aproximar tanto do Ocidente quanto da Rússia, desde que ela legitime a integridade do território georgiano. Contudo, esses objetivos apresentam uma dicotomia, pois conciliar a relação da Geórgia com a Europa e os Estados Unidos ao mesmo tempo em que tenta manter relações com a Rússia

parece improvável, tendo em vista que russo e americanos visam manter suas influências sobre a região do Cáucaso.<sup>17</sup>

As invasões na Geórgia e na Criméia permitem levantar algumas implicações. A Rússia violou o princípio fundamental da inviolabilidade das fronteiras pelo qual nenhuma fronteira pode ser alterada pelo uso da força. A limpeza étnica praticada na Ossétia do Sul contra georgianos por milícias separatistas e tropas russas, que como tropa ocupante deveria manter a lei e a ordem, feriu os tratados de proteção dos direitos humanos. A Rússia feriu as resoluções do Conselho de Segurança da ONU sobre as invasões, as quais, como membro permanente do Conselho, a Rússia deveria cumprir de maneira exemplar.<sup>18</sup>

A invasão na Geórgia já havia demonstrado a emergência da Rússia como uma potência mundial a fim de recuperar sua influência no Cáucaso, confirmada pela anexação da Criméia. O verdadeiro

objetivo na invasão da Geórgia nunca foi proteger os cidadãos russos, mas sim substituir o governo democraticamente eleito por um pró-Rússia.<sup>19</sup> No caso da Ucrânia, perdendo o presidente que servia aos seus interesses, tratou de garantir as áreas estratégicas da Criméia e do leste ucraniano, mantendo suas bases e o acesso a recursos naturais. Em ambos os casos, as questões étnicas existentes de uma população majoritariamente russa foram

utilizadas em prol de interesses mais amplos.

Com o uso da força direto, ou apoiando indiretamente governos e movimentos nacionalistas, aos poucos a Rússia vai recuperando sua antiga área de influência. O problema é que o sucesso na Geórgia e na Criméia pode incentivar o conhecido efeito dominó, com os russos se envolvendo cada vez mais em questões, políticas, étnico-religiosas (que

não são poucas) e econômicas nas antigas repúblicas soviéticas como forma de manter seus interesses na região e impedir o aumento da presença de qualquer outro poder sobre elas. A questão se complica caso o Ocidente, representado especialmente pelos Estados Unidos e a EU resolverem atuar com mais força, além das sanções que têm sido comuns nessas situações, o que provocaria um perigo maior para a paz e a estabilidade internacional.

<sup>1</sup> Marcelli Kulike Discente do Curso de Relações Internacionais e membro do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Conflitos Internacionais (GEPCL) e do Observatório de Conflitos Internacionais (OCI).

<sup>2</sup> MITIDIERO, Caio Franco. O Processo de Homologação de Estados e a Questão dos Estados de Facto não Reconhecidos e Parcialmente Reconhecidos pela Sociedade Internacional. Monografia. Marília: UNESP, 2012.

<sup>3</sup> DERLUGIAN, Georgi M. *The Tale Of Two Resorts: Abkhazia And Ajarja Before And Since The Soviet Collapse*, 1998 apud MITIDIERO 2012, op. cit.

<sup>4</sup> MITIDIERO, 2012, op. cit.

<sup>5</sup> WHEATLEY, Jonathan. *Georgia from National Awakening to Rose Revolution: delayed transition in the former Soviet Union*. Ashgate Publishing, 2005 apud MITIDIERO 2012.

<sup>6</sup> *Ibidem*.

<sup>7</sup> TEIXEIRA, Barbara A. Magalhães; COSTA, João Paulo Pereira. Geórgia e Rússia: reaproximação após cinco anos do conflito. *Conjuntura Internacional*. Belo Horizonte: PUC Minas, 11 jun. 2013. Disponível em: <<http://pucminasconjuntura.wordpress.com/2013/06/11/georgia-e-russia-reaproximacao-apos-cinco-anos-do-conflito/>>. Acesso em: 18 mai. 2014.

<sup>8</sup> BUKKVOLL, Tor. Russia's Military Performance in Georgia. *Military Review*, v. 89, n. 6, Nov./Dec. 2008.

<sup>9</sup> KAKACHIA, Kornely K. *A guerra dos Cinco Dias*. Dezembro 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/ri/n20/n20a03>>. Acesso em: 18 mai. 2014.

<sup>10</sup> Apenas Rússia, Nicarágua, Venezuela, Nauru, Tuvalu e Vanuatu reconheceram a independência. Vanuatu reconheceu apenas a Abcásia. MITIDIERO, 2012, op. cit.

<sup>11</sup> TEIXEIRA; COSTA, 2013, op. cit.

<sup>12</sup> *Ibidem*.

<sup>13</sup> KAKACHIA, 2008, op. cit.

<sup>14</sup> MITIDIERO, 2012, op. cit.

<sup>15</sup> KAKACHIA, 2008, op. cit.

<sup>16</sup> *Ibidem*.

<sup>17</sup> TEIXEIRA; COSTA, 2013, op. cit.

<sup>18</sup> A Rússia havia reconhecido explicitamente a integridade territorial da Geórgia. KAKACHIA, 2008, op. cit.

<sup>19</sup> *Ibidem*.

**Série Conflitos Internacionais** é editada pelo Observatório de Conflitos Internacionais da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP) - Campus de Marília - SP

Editor: Prof. Dr. Sérgio L. C. Aguilár  
Layout: Paula Schwambach Moizes  
ISSN: 2359-5809  
Comentários para: [oci@marilia.unesp.br](mailto:oci@marilia.unesp.br)  
Disponível em: [www.marilia.unesp.br/#oci](http://www.marilia.unesp.br/#oci)

Série Conflitos Internacionais mais recentes:

**Rússia e Política de Influência** V. 1, n. 1  
**Congo - A atual dinâmica do conflito e a rendição do M23** V. 1, n. 2  
**Oriente Médio: islamismo e democracia** V. 1, n. 3